

Expectativas e frustrações de um “quase relacionamento”: interações sem compromissos claros entre jovens na sociedade contemporânea¹

Odara CRESTON²

Robson BRAGA³

Universidade Federal do Ceará - UFC

RESUMO

Este artigo reflete sobre o fenômeno dos “quase relacionamentos” estabelecidos entre jovens contemporâneos em suas interações cotidianas (mediadas ou não por tecnologias de comunicação e informação). Entende-se por “quase relacionamentos” (situationship) aquelas relações afetivo-sexuais que carecem de definições ou compromissos claros. À luz das reflexões de Zygmunt Bauman (2004) sobre o amor líquido, esta pesquisa aplicou questionário online (104 respondentes) e, em seguida, realizou cinco entrevistas semi-estruturadas com jovens entre 18 e 25 anos. Com base nos resultados da pesquisa, é possível perceber que os “quase relacionamentos” envolvem um ciclo de expectativas e frustrações e que a comunicação intensa pode criar laços emocionais, mas também resultar em desapontamentos quando não resultam em algo mais definido.

PALAVRAS-CHAVE: interações simbólicas; amor líquido; interações mediadas por TICs; relações efêmeras; comunicação.

INTRODUÇÃO

Foi numa festa da faculdade, dois meses depois de se conhecerem, que ela o beijou pela primeira vez. Nada parecia urgente entre os dois. Foram semanas de trocas constantes por WhatsApp e Instagram, visitas à casa um do outro, encontros longos, madrugadas de conversa. O sexo aconteceu apenas no ano seguinte, quase como uma confirmação tardia de que havia algo ali. Algo que parecia amor, mas que nunca foi nomeado como tal. Ela conheceu os amigos e a família dele. Ele, os dela. Mas nunca houve uma conversa clara, um pacto, uma definição.

O que havia, em vez disso, era um vínculo feito de brechas e promessas silenciosas. Às vezes, ela tinha a impressão de que estavam prestes a se acertar; outras, parecia caminhar por uma rua sem saída. E assim os meses passaram. Quando pensou que tudo havia acabado, ainda assim o visitava – e sofria. Hoje, quase dois anos depois do primeiro beijo, ela não sabe dizer se aquilo terminou ou apenas deixou de ter começo.

A história permanece suspensa, como tantas outras da sua geração: sem compromisso, sem fim, mas com todas as marcas de um amor vivido e que ficou no meio do caminho. O relacionamento descrito é um dos 104 relatos capturados pelo

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Estudos de Comunicação), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: odaradepaulacrestonn@gmail.com

³ Professor do Curso de Jornalismo da UFC e orientador deste trabalho, email: robsonsilvabraga2@gmail.com.

formulário *online* que dá base empírica a esta pesquisa, que reflete sobre a chamada “*situationship*”.

Embora tal palavra não possua tradução no contexto brasileiro, pode-se compreendê-la a partir da ideia de “quase relacionamento”. Segue a mesma lógica: duas pessoas que não são apenas amigas, mas não chegam a se perceberem como namoradas. Bauman (2004) considera vivermos numa sociedade líquida, caracterizada pela “incerteza em relação ao futuro, fragilidade da posição social e insegurança existencial” (BAUMAN, 2004, p. 132). De acordo com ele, essa insegurança é alimentada pela instabilidade do mercado de trabalho, pelas mudanças constantes do valor atribuído às posições sociais e às competências do passado, pela inconsistência dos compromissos e das parcerias.

Na década de 1970, pesquisa realizada pela psicóloga norte-americana Dorothy Tennov acompanhou mais de 400 pessoas e concluiu que há sintomas que se manifestam no corpo com certa regularidade que podem ser interpretados como sinais da paixão no organismo. No entanto, na época ainda não se tinham formas para realizar o mapeamento das regiões do cérebro que se manifestaram durante a pesquisa.

O dicionário dos relacionamentos amorosos tem ganhado novos termos, e um deles, *situationship*, concorreu como palavra do ano de 2023 pelo prestigiado [Dicionário Oxford de Inglês](#). Trata-se de um relacionamento romântico que carece de definições ou compromissos claros, caracterizado pela intimidade emocional, pela convivência, envolvendo, muitas vezes, um componente físico-sexual. No entanto, os parceiros não o colocarão numa categoria de relacionamento ou estabelecerão delimitações claras. Desse modo, tal situação pode causar incerteza, ansiedade e confusão sobre o futuro da relação.

Para refletir sobre os “quase relacionamentos”, esta pesquisa adotou procedimentos quantitativos – aplicação de formulário online, resultando em 104 respostas – e qualitativo – entrevistas semi-estruturadas com cinco pessoas, cujos nomes foram alterados de modo a preservar a identidade dos informantes. Para a análise dos dados coletados, foi adotado o procedimento de análise do discurso (Orlandi, 2012), a fim de analisar as declarações de nossos informantes dentro do contexto social em que eles se inserem na contemporaneidade.

1. A capitalização dos afetos

A sociedade contemporânea tem assistido à ênfase no indivíduo (Sibilia, 2008). Em meio à urgência das pessoas de obterem tudo instantaneamente, o consumo e a propaganda são fatores fundamentais que delimitam a estetização da experiência.

Se há múltiplas opções de vida, e as regras tradicionais de controle social e moral do comportamento já não servem mais, somente sobre um leque diversificado de alternativas de auto-afirmação, o que permite aos indivíduos serem aquilo que vestem ou aquilo que os lugares que frequentam significam (Bittar, 2007, p. 591).

Dessa forma, o mercado capitalista atinge também as relações afetivas, seja relacionamento amoroso, seja relação familiar. A invenção de datas comemorativas, como Dia das Mães e Dia dos Namorados, é uma forma de fazer circular o capital na sociedade. Assim, aliado ao pensamento de Bauman (2004), que considera que a

sociedade tem dificuldade de se conectar, mas demonstra necessidade de não se sentir só, acontece a capitalização dos afetos.

“Dessa forma, o bem e o mal se transformam em categorias estéticas; e o estético se transforma no ontológico, ou seja, na possibilidade ser ou não ser” (Türke, Zuin, Pucci, Ramos de Oliveira, 2004. p. 64). Os rótulos colocados sob as formas de se relacionar é uma forma de categorizar esteticamente. Namoro e casamento não são mais as únicas formas de se caracterizar um envolvimento romântico e/ou sexual. O “quase relacionamento” surge para representar aqueles que estão no limbo da amizade e do namoro.

2. Padrões observados a partir da pesquisa quantitativa

Os resultados do formulário foram interessantes para observar os padrões existentes nos “quase relacionamentos”. De 104 respondentes, 88,5% estão entre 18 e 25 anos, 61,5% se identificam como mulheres cisgenero e 34,6% como homens cisgenero.

Em relação aos “quase relacionamentos”, 30,8% afirmam ter vivido apenas um até o momento atual de suas vidas, 24% dizem ter vivido duas vezes, 26% viveram três ou quatro vezes e apenas 12,5% afirmam estarem vivendo um “quase relacionamento” no momento.

Das 104 respostas, 59,2% alegam que seus “quase relacionamentos” duraram entre dois e três meses, outros 23,3% disseram ter durado cerca de seis meses. Quanto a mudanças nas interações ao longo do tempo, 48,1% afirmam que a interação esfriou aos poucos e foi reduzindo o contato até sumir de vez, enquanto 38,5% disseram que esfriou repentinamente, que em um contato anterior estava tudo aparentemente normal e, bruscamente, a pessoa sumiu. Apenas 23,1% alegaram terem tido uma conversa sobre o “término” entre as duas partes.

Quanto ao desfecho do que não se tornou de fato um relacionamento, 56,7% afirmaram que passaram um tempo sofrendo por esse “término”, outros 49% nunca mais falaram com a outra pessoa e 31,7% tornaram-se amigos.

3. A comunicação no “quase relacionamento”

A interação entre duas pessoas que são mais que amigas mas que não se definem como namoradas acontece como um namoro na maioria das vezes, como observado nesta pesquisa. Ao formulário online, 85,6% dos entrevistados responderam que a comunicação era diária e por boa parte do dia. Do total, 92,3% afirmaram usar o WhatsApp para tal interação; 72,1%, o Instagram; e 63,5% alegaram também haver interação pessoalmente.

Durante as cinco entrevistas semi-estruturadas realizadas com os entrevistados que aqui serão chamados de A, B, C, D e E, foi relatado que a comunicação também era diária, sendo um grande motivador para gerar o apego um ao outro.

A entrevistada D, de 19 anos, afirma que, para gerar um apego emocional, precisa que algo esteja presente na sua vida, o que, para ela, significa que tem que estar presente todos os dias. O contato constante, a criação de uma rotina em que os dois estão envolvidos gera um conforto e uma expectativa, ou seja, “desenvolve-se em um

determinado indivíduo como resultado das suas relações àquele processo como um todo e aos outros indivíduos dentro daquele processo” (Mead *apud* Polivanov, 2014, p. 73).

4. A “relação”

Tem-se uma dificuldade em definir uma relação que, na verdade, ainda não é de fato um relacionamento amoroso. O entrevistado E, de 18 anos, por exemplo, relata que, nos dois “quase relacionamentos” vividos por ele, havia uma dúvida se eram amigos muito próximos ou se havia realmente sentimentos e interesse por ambas as partes. “Quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a intenção que lhe interessa transmitir” (Goffman, 2002, p. 13-14), como ele fala:

Na primeira situação, me envolvi com uma pessoa um pouco mais velha, nossa interação era 100% virtual por morarmos em cidades diferentes. Mas quando nos conhecemos pessoalmente, a gente já conversava todos os dias há alguns meses e minha mãe sabia dela, foi totalmente diferente. Ela transmitia uma imagem quando falava só comigo mas quando estava com outras pessoas – do ciclo dela – parecia nem me conhecer (Entrevistado E).

A entrevistada D acredita que toda a “relação” criada foi fruto da sua própria idealização e desejo de ter algo realmente sério e rotulado com aquela pessoa.

A nossa relação era tão boa, ele cuidava de mim, realmente parecia se importar comigo. Mas penso que essa relação na verdade era mais algo da minha cabeça, eu fechava os olhos para as partes ruins e até mesmo dos pequenos sinais que ele dava de que aquele nosso envolvimento não iria para frente (Entrevistada D).

O relato evidencia como a ausência de clareza e de um acordo mútuo sobre o que está sendo vivido abre espaço para diferentes interpretações e níveis de envolvimento. Enquanto um dos parceiros pode estar investido emocionalmente e enxergando sinais de aprofundamento afetivo, o outro pode estar apenas usufruindo da companhia sem a intenção de consolidar a relação. A ambiguidade torna-se, assim, um traço central do “quase relacionamento”, que se sustenta na tensão entre gestos de intimidade e a recusa em nomear o vínculo.

5. A frustração silenciosa

O começo do “quase relacionamento” – assim como o de um relacionamento rotulado como tal – causa ansiedade e expectativas, mas, no caso do “quase”, parece ser, em sua maioria, acompanhado pela frustração. A quebra de expectativa de que aquele envolvimento resultará em um pedido de namoro é interrompido quase sempre não por uma conversa e decisão mútua, mas por um silêncio, um afastamento da rotina criada.

A frustração silenciosa que emerge ao final desses vínculos ambíguos não está apenas ligada à ausência de compromisso formal, mas à ausência de diálogo. O silêncio parece se tornar um mecanismo de encerramento da “quase relação”, negando à outra

parte a possibilidade de compreender o que de fato aconteceu. Esse “sumiço” inesperado, muitas vezes chamado de *ghosting*, parece deixar lacunas emocionais difíceis de serem preenchidas, por impedir a elaboração simbólica do fim da “quase relação”.

Além disso, o próprio ambiente digital contribui para intensificar esse tipo de frustração. Redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas de relacionamento tornam mais fácil o bloqueio, a exclusão, a evasão — ações que dispensam explicações e, por isso mesmo, promovem encerramentos abruptos. A facilidade de cortar o contato virtualmente contrasta com a dificuldade de lidar com os sentimentos reais que persistem, evidenciando o descompasso entre vínculos criados na rapidez dos aplicativos e os afetos que, por sua natureza, demandam tempo e elaboração.

No contexto contemporâneo, esses quase relacionamentos revelam também um dilema geracional: o desejo de intimidade convivendo com o medo do comprometimento. Nesse ciclo de vínculos fluidos, há trocas de carinho, exclusividade temporária e até projetos compartilhados, que, contudo, evaporam diante da necessidade de se atribuir rótulos e de se assumir responsabilidades. Quando o “quase” termina, parece não haver apenas a dor da perda de um vínculo, mas a dor de se perceber que se investiu emocionalmente em algo que, aos olhos do outro, talvez nunca tenha sequer existido como relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou elencar e refletir sobre alguns padrões de interação dos “quase relacionamentos”. Chegou-se à conclusão de que um “quase relacionamento” tem as fases da expectativa e da frustração. O começo é, em sua maioria, o que se deseja para um relacionamento, mas que acaba repentinamente – em média, três meses. Sem aviso prévio ou com alguma explicação, apenas um abandono de uma rotina criada com outra pessoa.

Ademais, foi possível observar que a interação por meio de comportamentos e da linguagem adotada durante o “quase algo” é responsável pela criação de expectativas quanto à consolidação de um relacionamento rotulável. Mensagens e encontros constantes e um tratamento carinhoso geram apego emocional.

É importante destacar, também, possíveis impactos subjetivos dessas experiências nas trajetórias afetivas dos jovens, aspectos que poderão ser investigados em pesquisas futuras. A repetição de vínculos que se encerram sem diálogo ou clareza pode gerar um padrão de insegurança e descrença na possibilidade de relações estáveis e respeitadas.

Por fim, é necessário compreender que o “quase relacionamento” não se limita a um momento experimentado pela sociedade contemporânea, refletindo transformações sociais mais amplas nas formas de nos relacionarmos, a exemplo de questões de gênero, cultura digital, pressões por desempenho emocional e liberdade individual. Ao dar visibilidade a essas vivências, a pesquisa contribui para um olhar mais atento e empático sobre os modos contemporâneos de amar e sofrer, indicando que, mesmo sem rótulo, os “quase” também doem, ensinam e merecem ser compreendidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bauman, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Bauman, Zygmunt. **Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Bittar, Eduardo C. B. Sociedade e educação: um ensaio sobre individualismo, amor líquido e cultura pós-moderna. **Revista da Faculdade de Direito**, Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 102, p. 591–610, 2007.

Castells, Manuel. **A sociedade em rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Gabriel, Inês M. Herbert Marcuse: reflexões sobre a sociedade tecnológica. **Revista Unilago**, São José do Rio Preto, v. 2, n. 2, p. 36–42, 2003.

Goffman, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

Hatton, Joseph. **A modern Ulysses (volume 3)**: being the life, loves, adventures, and strange experiences of Horace Durand. [S.l.]: General Books, 2012.

Jardim, Adriano Chaves; Santos, José Vicente Tavares dos; Danner, Lucas Moresco. Sociologia do amor: notas sobre as possibilidades de uma abordagem sociológica do amor a partir da teoria social contemporânea. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 12, n. 29, p. 957-985, set./dez. 2024. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/rbs/article/view/957/499> (Acesso em: 22 fev. 2024).

Orlandi, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

Polivanov, Beatriz. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais**: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

Ribeiro, João; Carlos, Thiago; Silva, Túlio. Gerenciamento de impressões pessoais através de aplicativos sociais: uma proposta de análise. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM**, 33., 2010, Caxias do Sul. Anais [...]. São Paulo: INTERCOM, 2010.

Sibilia, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Oxford Learner's Dictionaries. Situationship. **Oxford Learner's Dictionaries** [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/situationship>. Acesso em: 29 set. 2024.

Tardif, Maurice; Lessard, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

Türke, Christoph; Zuin, Antônio A. S.; Bruno, Roberto D. **Sociedade da sensação**: a estetização da luta pela existência. São Paulo: Cortez, 2004.